

ANÁLISE DO IMPACTO DA FALTA DE ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA NA VIDA DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS

Karine Coelho Almeida
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
kc.almeida@discente.ufma.br

Fernanda Paes Arantes
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
fernanda.arantes@ufma.br

RESUMO

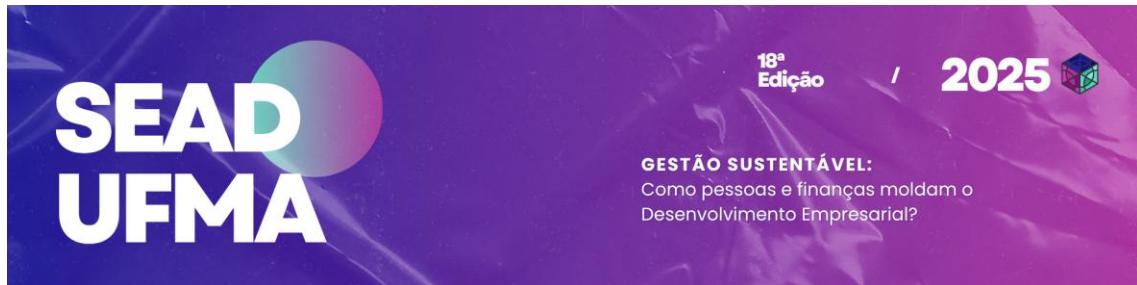
A falta de alfabetização financeira entre jovens universitários é um problema crescente que afeta o bem-estar individual e social. O objetivo deste trabalho é analisar como a falta de alfabetização financeira dos jovens universitários impacta o desenvolvimento de hábitos financeiros saudáveis e conscientes ao iniciarem suas trajetórias profissionais. Utilizando uma abordagem quantitativa, foram coletados dados de 231 jovens universitários, com idades de 18 e 29 anos, através de um questionário com quatro dimensões. Os resultados indicam que a maioria dos jovens possuem um nível de alfabetização financeira médio. A influência dos pais, pouco contato com assuntos financeiros na escola e a desigualdade de ensino são os principais fatores identificados como causadores da falta de alfabetização financeira. Concluímos que a alfabetização financeira deve ser tratada como uma prioridade urgente, e que políticas públicas devem promover a inclusão de conteúdos nas escolas e universidades, bem como programas educacionais para os pais. Então, estarão garantindo o bem-estar financeiro e social dessa e das próximas gerações, com melhores hábitos e bem mais preparados para iniciarem suas trajetórias profissionais em um mercado cada vez mais complexo.

Palavras-chave: Alfabetização financeira; Educação financeira; Jovens Universitário.

1 INTRODUÇÃO

A entrada dos jovens no mercado de trabalho é um momento muito importante no início da vida adulta. O início da jornada profissional para muitos deles é o primeiro contato relevante com dinheiro e a responsabilidade de gerenciar sua própria renda.

Ao longo dos anos, muitos pesquisadores estudaram a importância da educação financeira pessoal e a ampliação necessária destes conhecimentos e, pela falta disso, acredita-



se que a pouca instrução é um dos fatores que contribuem para uma crise econômica no país, e do bem-estar social (Pabis; Hocayen-da-Silva, 2022).

Quando se trata de finanças, todos têm o seu jeito de lidar e organizar, mas isso não constitui necessariamente a parte prática da educação financeira, pois segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a educação financeira é um processo para entender os produtos e conceitos, através de informação, instrução e aconselhamento, para se sentir mais confiante quando for tomar decisões mais conscientes e melhorar seu bem estar financeiro (Floriano; Flores; Zuliani, 2020).

Similar ao conceito anterior, mas pouco conhecido, tem-se a alfabetização financeira, que é um pouco mais profunda e está focada no conhecimento adquirido, no comportamento habitual na gestão financeira e nas atitudes em relação às prioridades (Floriano; Flores; Zuliani, 2020).

A relevância deste tema tem aumentado devido a transcendência da educação financeira ter ultrapassado o âmbito privado e tornou-se uma pauta de política pública em nível nacional. Diversos estudos destacam como a baixa alfabetização financeira pode tornar o indivíduo mais propenso a ter problemas com dívidas (Silva, G. O. *et al.*, 2017).

Dessa maneira, surge o questionamento: “Como a potencial falta de alfabetização financeira dos jovens universitários, pode impactar o desenvolvimento de hábitos financeiros saudáveis e conscientes ao iniciarem suas trajetórias profissionais?”

Diante disso, o estudo se justifica, pois apesar da existência de numerosos estudos sobre alfabetização financeira, existe uma lacuna na discussão desse tema no contexto específico dos jovens universitários. Neste grupo, grande parte dos indivíduos está tendo contato com o primeiro emprego e com o gerenciamento da sua própria renda, sem depender diretamente do dinheiro dos pais ou responsáveis.

Esta pesquisa possui a natureza aplicada com o intuito de reunir novos conhecimentos na área de estudo financeiro, através da abordagem quantitativa. O método para coleta de dados foi através de um questionário que contém quatro dimensões, sendo as três primeiras relacionadas aos três aspectos distintos da alfabetização financeira e a quarta sobre aspectos sociodemográficos. O público alvo dessa pesquisa são os jovens universitários, com idade entre



18 a 29 anos, com renda salarial de até 2 salários mínimos, sem fazer distinção quanto ao local de trabalho, instituição de ensino ou curso.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A alfabetização ou literacia financeira tem sido reconhecida como uma habilidade essencial para o sucesso pessoal e profissional em um mundo cada vez mais complexo e interconectado. Apesar da contribuição positiva da educação financeira, muitos jovens ainda enfrentam desafios que se formam como uma rede de preocupação sobre as decisões futuras influenciadas pelas escolhas do passado e do presente, seus objetivos pessoais e profissionais.

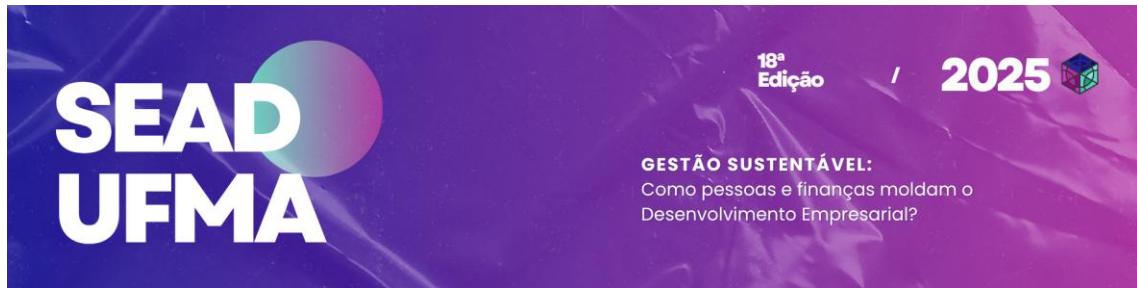
O objetivo desta revisão de literatura é explorar e analisar os conteúdos existentes sobre a alfabetização financeira, seus principais impactos e o relacionamento dos jovens com esta temática, a fim de embasar os resultados nas teorias.

2.1 Alfabetização financeira

A área financeira possui muitos conhecimentos, que aos olhos da sociedade, podem parecer estranhos principalmente para aqueles que não tiveram uma educação direcionada sobre o assunto. Porém, quando eles buscam soluções adequadas para o que estão vivenciando financeiramente, agem de maneira intuitiva baseados em suas próprias experiências e realidades, ações estas que são similares a estudos já realizados anteriormente por pesquisadores da área.

Segundo a OCDE (2020), a alfabetização financeira envolve três aspectos distintos: conhecimento, comportamento e atitude financeira, que quando são usados da melhor forma, auxiliam no alcance do bem-estar financeiro.

O primeiro conceito que será abordado se trata do conhecimento financeiro, que se refere ao nível de informação que o indivíduo possui dentro do contexto financeiro e a capacidade de aplicá-los, bem como a utilização de competências numéricas quando necessário (Méndez-Prado *et al.*, 2023). Esse conhecimento é normalmente adquirido ao longo da vida, pelas experiências vividas, ensinos familiares, estudo em finanças, entre outros. A falta desse



conhecimento ainda é vista na sociedade e, por conta disso, muitas pessoas têm dificuldade em tomar decisões financeiras (Medeiros; Lopes, 2014; Niehue, 2023).

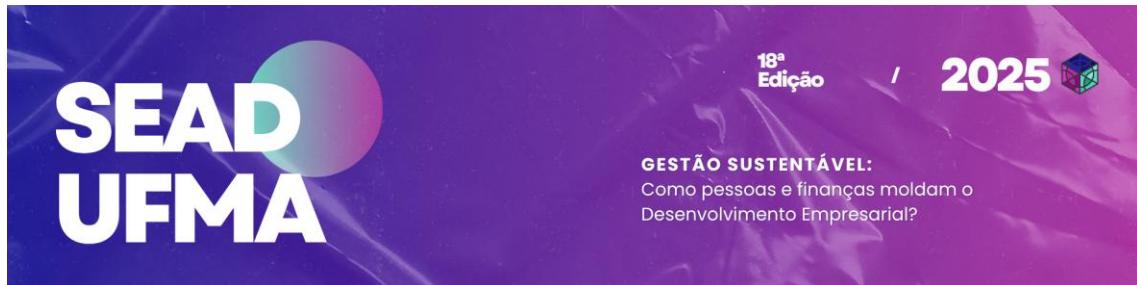
O segundo conceito, chamado de comportamento financeiro, estuda como o indivíduo se comporta em momentos que precisa de uma decisão financeira. Envolve aspectos como seus hábitos de poupança e de consumo, planejamento pessoal, entre outros. Segundo Mireku, Appiah e Agana (2023), o comportamento do indivíduo é fortemente influenciado pelo nível de alfabetização financeira. Nesse contexto, é importante compreender suas preferências, percepções, conhecimentos sobre educação financeira e fatores psicológicos, pois podem ser determinantes durante as tomadas de decisão.

O terceiro conceito é a atitude financeira, que representa a combinação das emoções do indivíduo e suas ações em relação às finanças. Essa combinação é baseada em suas crenças, opiniões e sentimentos, revelando o grau de planejamento para poupança ou gasto, explicitando as preferências e orientações do indivíduo em situações financeiras (Trento; Baum, 2020; Zaimovic *et al.*, 2023). Além das atitudes pautadas em crenças e emoções, as decisões dos indivíduos também podem ser fortemente influenciadas por outros fatores como a área de estudo, a experiência profissional e a discussão sobre dinheiro em família (Johan; Rowlingson; Appleyard, 2021).

Todo o conhecimento adquirido somado a atitudes positivas, resultarão em um comportamento responsável. Isso reduzirá a vulnerabilidade a más escolhas e aumentará o nível de estabilidade econômica tanto para o indivíduo quanto para a sociedade (Johan, Rowlingson; Appleyard, 2021; Zaimovic *et al.*, 2023; Mireku; Appiah; Agana, 2023).

2.2 Importância da educação financeira para jovens

Com o aumento da interação dos jovens com questões financeiras, o impacto que a alfabetização financeira, ou a falta dela, pode ser crucial para o crescimento e futuro de cada um. A alfabetização financeira capacita os indivíduos a terem conhecimento financeiro, de modo que consigam aplicar na sua vida e auxiliem nas avaliações dos produtos e tomadas de decisão (Mireku; Appiah; Agana, 2023).



Ao buscarem informações sobre o assunto, os indivíduos obterão conhecimento sobre o sistema financeiro e temas relacionados, os deixando menos vulneráveis a realizar más escolhas de investimentos, evitar dívidas, gerir adequadamente contas bancárias e até preparar planos financeiros, entre outros (Mireku; Appiah; Agana, 2023). Estes planos podem começar dentro do próprio orçamento pessoal e familiar que não exigem cálculos complexos, mas uma grande disciplina, sacrifícios e renúncias (Medeiros; Lopes, 2014).

Porém, como mostram alguns estudos, não são todos os tipos de pessoas que sabem usar da forma certa os conhecimentos financeiros. Geralmente, o maior nível de alfabetismo está entre os adultos, universitários e homens. Já os jovens, idosos, mulheres, desempregados, entre outros estão entre os menos alfabetizados, e quanto mais baixo o entrosamento com o assunto, mais alto o nível de dívidas e problemas familiares, sociais, econômicos, e outros mais (Johan; Rowlingson; Appleyard, 2021; Méndez- Prado *et al.*, 2023; Mireku; Appiah; Agana, 2023; Zaimovic *et al.*, 2023).

Segundo Zaimovic *et al.* (2023), a importância da alfabetização financeira para os jovens consiste na ideia de que eles são como os motores da economia nacional, contribuindo positivamente ao gerir, investir e poupar da forma correta. Ademais, há aqueles com níveis mais elevados de conhecimento financeiro que possuem intenções empreendedoras, outra força impulsionadora para a economia (Mireku; Appiah; Agana, 2023).

Uma das teorias relacionadas ao assunto é a Gestão do Recursos Familiares, que estuda a influência do trato das finanças no ambiente familiar no comportamento financeiro do jovem. Os pais são os principais agentes de influência sobre os filhos e espera-se que reservem um tempo para discutir sobre dinheiro e ensinar os filhos a usar com sabedoria.

Grande parte das melhores pontuações financeiras dos indivíduos, advém de uma boa gestão familiar, pois é comum que os filhos imitem os pais, principalmente quando tem limitadas informações e percepções que poderiam ser adquiridas através da educação (Johan; Rowlingson; Appleyard, 2021; Medeiros; Lopes, 2014; Mireku; Appiah; Agana, 2023). Contudo, muitos pais também não possuem muito conhecimento financeiro e podem transferir aos filhos os seus maus hábitos, impactando na qualidade de vida deles e da economia nacional, restando às instituições públicas e privadas a responsabilidade de incluir esse conhecimento na grade curricular (Floriano; Flores; Floriano, 2020).



2.3 Organização e estratégias para educação financeira

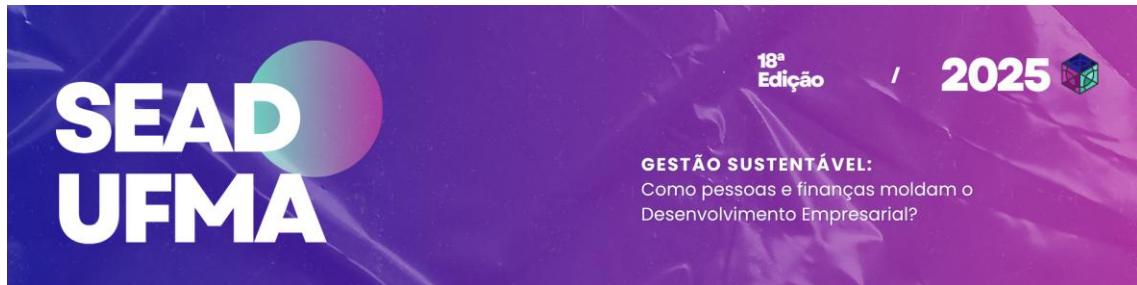
Segundo uma pesquisa guiada pela Associação de Educação Financeira do Brasil (2021), a OCDE e sua Rede Internacional de Educação Financeira (INFE) desempenham um papel fundamental na promoção da educação financeira em todo o mundo. Suas iniciativas visam apoiar os países na elaboração e implementação de estratégias nacionais voltadas para a educação financeira, reconhecendo-a como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento econômico e a estabilidade financeira.

Em 2012, desenvolveram princípios que foram aprovados para que fosse registrado o compromisso global promovendo a educação financeira. Desde então, a OCDE estava em 110 países até 2021, onde os governos reconhecem a importância da divulgação desse conhecimento para que sejam tomadas decisões financeiras de maneira informada e responsável.

De forma mais localizada, tem-se no país a proposta já implementada da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) que foi resultado de 18 meses de trabalho de um grupo, tendo como objetivos promover e fomentar a cultura de educação financeira no Brasil, ampliar a compreensão do cidadão, e contribuir para a eficiência e solidez do mercado.

A criação da ENEF ocorreu em um contexto histórico marcado pela crise financeira internacional, levando o governo e a sociedade organizada a adotarem medidas para mitigar seus efeitos no país. A crise de 2008, com o estouro da bolha imobiliária nos Estados Unidos, evidenciou a importância da educação financeira para a estabilidade econômica, destacando a necessidade de capacitar a população na tomada de decisões financeiras para garantir a saúde do mercado (ENEF, 2021).

Buscando promover a propagação dos conhecimentos financeiros para as diferentes camadas da sociedade através da iniciativa pública e privada, uma das políticas é oferecer educação financeira nos currículos escolares (Floriano; Flores; Zuliani, 2020). A aplicação dessa ideia se tornou o foco da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que “é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica (...)”, sendo aplicado exclusivamente na educação escolar (Brasil, 2017).



No entanto, uma preocupação relevante é que este documento só foi homologado no ano de 2017 e complementado em 2018, o que significa que a geração de jovens e adultos atuais não tiveram a oportunidade de receber a educação regulamentada pelo mesmo. Assim, muitos indivíduos podem ter lacunas significativas em sua formação educacional, sendo importante que sejam desenvolvidas estratégias educacionais inclusivas que alcancem todos os segmentos da população.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa possui a natureza aplicada com o intuito de reunir novos conhecimentos na área de estudo financeiro, através da abordagem quantitativa. O método para coleta de dados foi através de um questionário, desenvolvido por Pinheiro, Arantes e Lima (2025), dividido em quatro partes, sendo as três primeiras relacionadas aos três aspectos distintos da alfabetização financeira e a quarta sobre aspectos sociodemográficos. Esse questionário foi compartilhado através das redes sociais, explicando a finalidade da pesquisa e informando que é possível responder em momentos mais favoráveis para que a resposta represente a realidade do indivíduo.

A utilização desse instrumento de coleta contribui de várias formas com a pesquisa, economizando tempo por alcançar várias pessoas ao mesmo tempo de várias áreas geográficas sem precisar deslocar-se, obtendo grande número de dados de forma rápida, segura e precisa. Também proporciona respostas mais sinceras, sem distorção pela presença do pesquisador e, não se sentirão constrangidos sabendo que as respostas serão tratadas de forma totalmente anônima. E ainda, pode ser feito em vários momentos mais favoráveis sem atrapalhar os compromissos das pessoas, contando com resultados mais uniformes em virtude da natureza impessoal do instrumento (Oliveira *et al.*, 2016).

O público alvo dessa pesquisa são os jovens universitários, com idade entre 18 a 29 anos, com renda salarial de até 2 salários mínimos, sem fazer distinção quanto ao local de trabalho ou curso. A análise dos dados é feita com base em estatística descritiva para auxiliar na compreensão da relação entre as variáveis e seus efeitos na vida dos jovens universitários.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

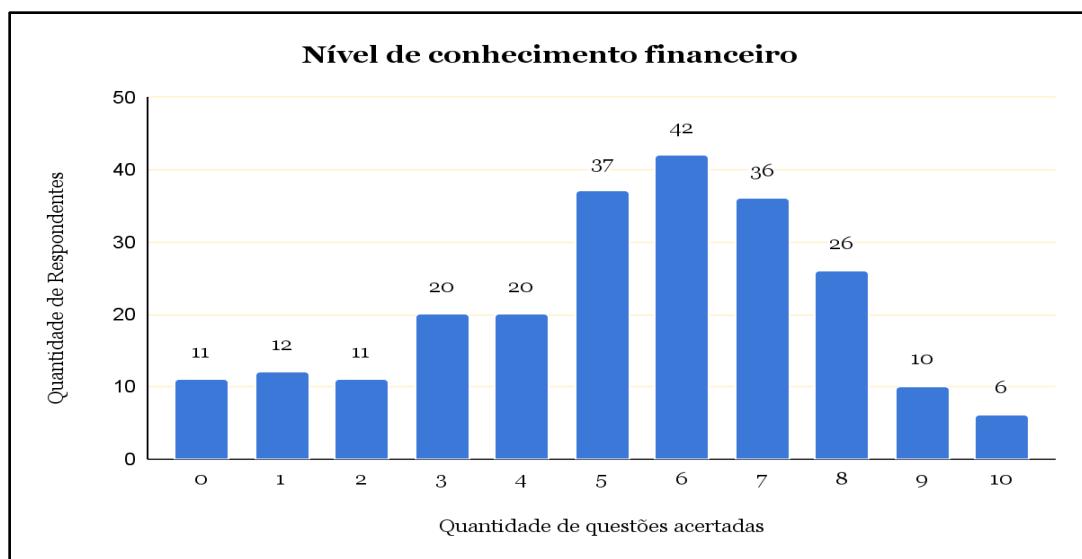
A pesquisa foi aplicada com o público universitário de forma geral sem restringir idade, curso ou renda. Após a coleta e a organização dos dados em planilha, foram filtradas as respostas daqueles que possuíam até 2 salários mínimos e, estavam na faixa etária entre 18 e 29 anos, semelhante ao estudo grupo estudado pela OCDE em 2020. O total obtido após o filtro foi de 231 respondentes compatíveis com o recorte selecionado.

Nos tópicos abaixo, analisados separadamente conforme os três aspectos distintos da alfabetização financeira, serão apresentadas algumas questões de destaque que chamaram atenção pelos resultados.

4.1 Resultados sobre o aspecto do conhecimento financeiro

Os dados sobre o conhecimento financeiro foram analisados com base nas respostas de dez questões. O Gráfico 1 apresenta o quantitativo de respondentes que acertaram a questão, sendo que no eixo X está uma contagem de 0 a 10 para que seja possível identificar quantas questões foram acertadas, e no eixo Y a quantidade de respondentes. Ressalta-se que o total de respondentes foi de 231 jovens.

Gráfico 1 – Média de acertos sobre o aspecto do conhecimento financeiro



Fonte: do Autor (2025). Dados da Pesquisa



Na primeira questão, o enunciado trazia a seguinte situação: “Imagine que a alíquota aplicada à sua caderneta de poupança seja de 6% ao ano e a taxa de inflação é de 10% ao ano. Depois de um ano, quanto você conseguirá comprar com o dinheiro dessa conta?”. A resposta certa era que conseguiria comprar menos do que é hoje (alternativa C), 56,28% dos jovens acertaram a questão, mas 29% ainda responderam “não sabe”. O alto número de respostas incorretas indica a dificuldade em compreender os impactos da inflação sobre o poder de compra.

Na quinta questão a pergunta é: “Como saber se é mais vantajoso amortizar um empréstimo/financiamento ou investir o dinheiro e continuar pagando as parcelas mensalmente?”. As alternativas mais escolhidas foram: b) Comparando a taxa de juros do empréstimo com a taxa de juros de onde investiria o dinheiro; c) Comparando o custo efetivo total (CET) com a taxa de juros de onde investiria o dinheiro. Sabendo que a resposta certa é a letra C, observa-se que apenas 16,88% dos jovens acertaram, enquanto 38,1% escolheram pela alternativa B. Essa questão mostra como está baixo o entendimento dos jovens sobre a análise de juros em contratos, cartões de crédito etc., e como existe uma lacuna na educação financeira sobre essa análise.

Na nona questão esta é a afirmação: “É financeiramente vantajoso pedir dinheiro emprestado para investimento se a taxa de juros do empréstimo for inferior ao retorno esperado”. Sabendo que a frase apresentada é verdadeira, os resultados indicam que 48,48% dos jovens acertaram, enquanto 27,27% escolheram ‘não sabe’.

A partir disso, observa-se que o conhecimento sobre juros é deficiente e poderia ser incluído nos currículos universitários disciplinas de educação financeira. Um ponto interessante que pode explicar o resultado, é o alto índice de respostas classificadas como ‘não sabe’, mostra como os jovens desconhecem certos assuntos que deveriam estar presentes no cotidiano de todos.

Os resultados corroboram com a pesquisa feita em 2020 pela OCDE, em que os jovens entre 18 e 29 anos apresentam conhecimentos mais baixos, e até foram comparados às pessoas que não utilizam dispositivos ou serviços digitais. Mendonça (2024), conduziu um estudo similar em que realizou uma pesquisa com grupos de várias faixas etárias, dentre eles os que

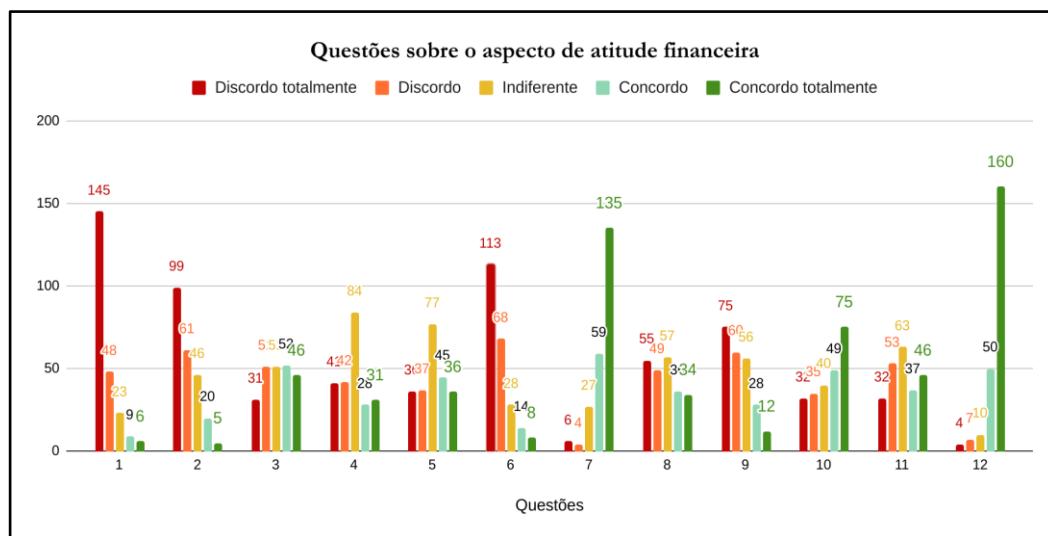
possuíam entre 18 a 29 anos. Ele identificou que este grupo apresentou a menor média de avaliação no aspecto do conhecimento financeiro, adicionando embasamento para este tema.

3.2 Resultados sobre o aspecto de atitude financeira

As atitudes financeiras foram analisadas com base no nível de concordância dos respondentes a partir de informações relacionadas à gestão do dinheiro. O Gráfico 2 apresenta as respostas que variam entre 5 níveis: discordo totalmente, discordo, indiferente (não concordo nem discordo), concordo e concordo totalmente.

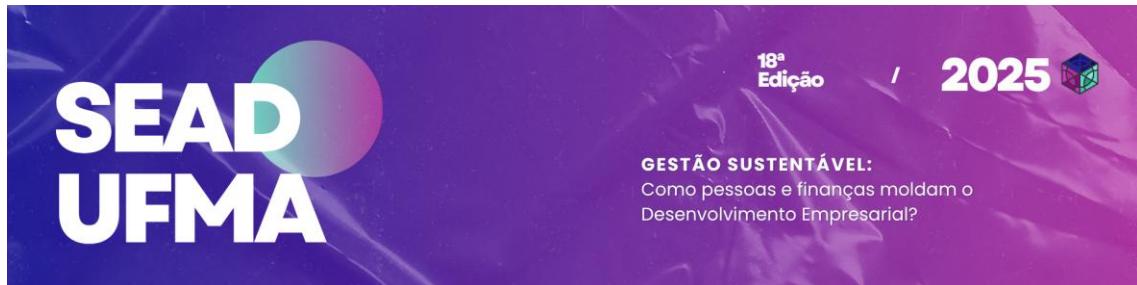
A partir da visualização do Gráfico 2, nota-se que a maioria das questões possui respostas bem distribuídas, caracterizando a diversidade de pensamento dos jovens.

Gráfico 2 – Respostas das questões sobre o aspecto de atitude financeira



Fonte: do Autor (2025). Dados da Pesquisa.

A terceira frase “É difícil construir um plano de gastos familiares.”, causou uma divisão de opiniões. Apenas 13,42% dos jovens discordaram totalmente e outros 22,08% discordam, ou seja, possuem facilidade ao planejar os gastos familiares. Já os que concordam ou concordam totalmente, representam 22,51% e 19,91%, respectivamente, demonstrando que sentem dificuldade ao planejar gastos familiares.



Um outro pensamento é abordado na sétima questão, a partir da afirmativa de que ter dinheiro gera sensação de liberdade. Muitos respondentes concordaram totalmente e parcialmente somando 58,44% e 25,54%, respectivamente. Este resultado também pode ser analisado com base na percepção subjetiva das pessoas em relação ao significado do dinheiro (Trento; Braum, 2020), pois enquanto para alguns traz a sensação de liberdade, para outros não traz.

Outra atitude foi abordada na oitava questão, expressada através da seguinte frase: “Algumas coisas não abro mão de ter/comprar, mesmo sabendo que comprometem meu orçamento”. Pensar sobre essa atitude resultou em uma nova distribuição, em que 24,67% escolheram ficar indiferentes, sendo esta a opção com maior número de respostas. Os outros jovens que escolheram discordar e discordar totalmente somam 45,01%. Aqueles que não abririam mão de realizar a compra chegam a 30,03% da amostra, indicando uma divisão entre escolher seguir o planejamento e ceder ao consumo compulsivo.

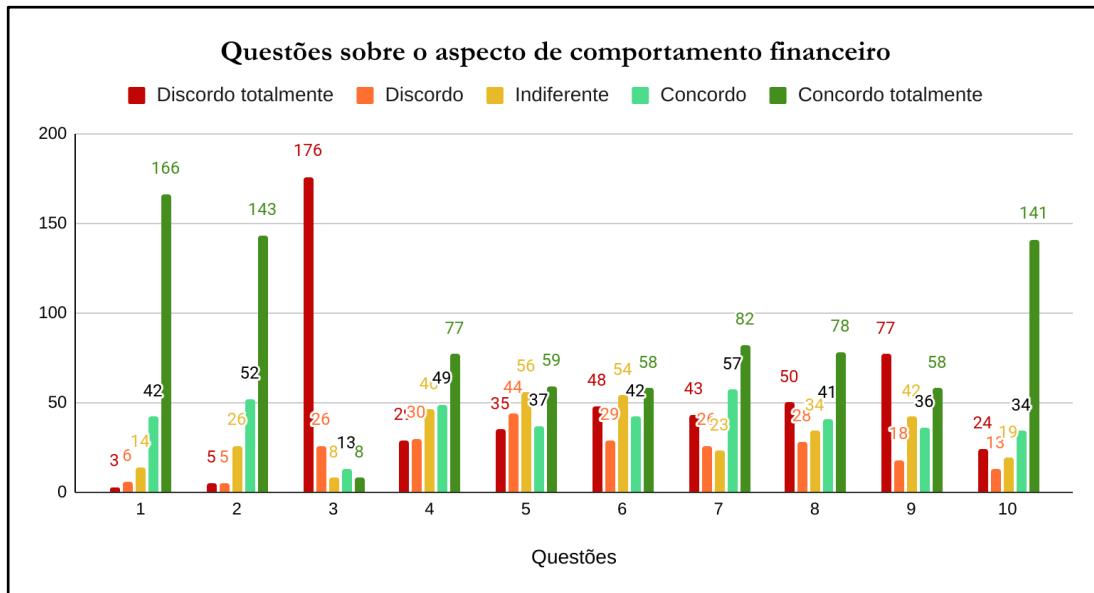
Após a análise desse aspecto, observa-se que muitos jovens podem ainda não ter uma opinião ou conhecimento suficientemente definido para tomar uma posição clara, resultando assim em muitas atitudes indiferentes, que foram influenciadas ou não por fatores emocionais, culturais ou familiares (Johan; Rowlingson; Appleyard, 2021).

3.3 Resultados sobre o aspecto do comportamento financeiro

O último aspecto a ser analisado apresenta dez afirmações para que os respondentes escolham dentre os 5 níveis de concordância da escala Likert, variando de ‘discordar totalmente’ a ‘concordar totalmente’. O quantitativo de respostas para cada item pode ser observado no Gráfico 3.

Na terceira questão, a maioria dos respondentes discordou fortemente desta afirmação: “Costumo fazer empréstimo para organizar as minhas contas”. Foram 76,19% das respostas em discordância total e 11,25% parciais. Entretanto, 12,55% dos jovens já recorreram a empréstimos, sendo este um comportamento preocupante, pois pode aumentar o endividamento e gerar impactos negativos, como o estresse emocional e familiar (Oseifuah; Gyekye; Formadi, 2018 apud Trento; Braum, 2020; OCDE, 2020).

Gráfico 3 – Respostas das questões sobre o aspecto do comportamento financeiro

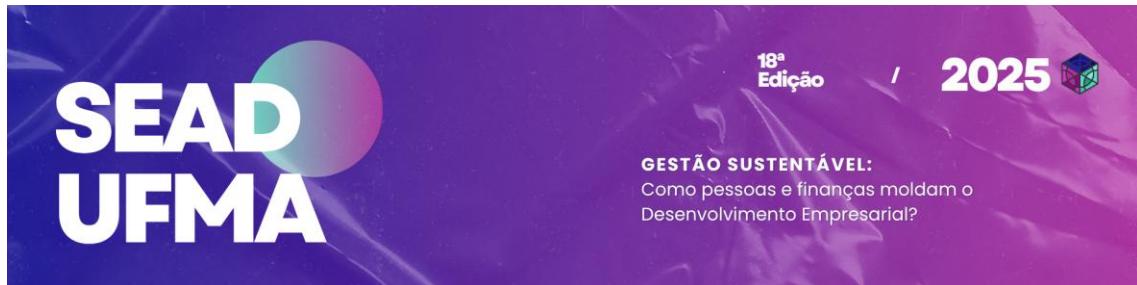


Fonte: do Autor (2025). Dados da Pesquisa.

Na sétima questão, 35,5% costumam sempre praticar o comportamento de fazer anotações e controle dos gastos pessoais, 9,9% se posicionou como indiferente, ou seja, pratica às vezes ou não e, 18,61% discordaram totalmente, sugerindo que não praticam em nenhum momento. É importante adotar um mecanismo de controle, pois para controlar os gastos e economizar, é necessário seguir um planejamento.

Essas anotações e controles podem ser feitos por meio de planilhas que podem ser adaptadas conforme a necessidade do indivíduo e, assim, é possível ter um controle dos mesmos e, a partir disso, estabelecer objetivos, tanto de curto quanto de longo prazo (Medeiros; Lopes, 2014).

A nona questão, gerou valores aproximados em cada pensamento sobre a afirmação: “Acompanho a rentabilidade dos meus investimentos mensalmente”. Nos níveis de discordância total e parcial, 41,13% se identificou com essa resposta, e nos níveis de concordância 40,69% dos respondentes acompanhou. É importante destacar que aqueles que realizam o acompanhamento sempre ou às vezes, por apenas estarem participando do mercado de ações, indica que possuem alta educação financeira (Bucher-Koenen et al., 2017 apud Chawla; Bhatia; Singh, 2022).



3.4 Análise da influência dos pais no processo de alfabetização financeira dos filhos

Em todos esses aspectos, um determinante em comum pode agir com grande influência sobre os indivíduos. Muitos estudos apoiam a ideia de que as atitudes e comportamentos dos indivíduos têm grande relação com o ensinamento repassado pelos pais. A importância da socialização financeira por parte dos pais é reforçada de maneira que incentive os pais a reservarem tempo para discutir sobre dinheiro e ensinar os filhos a administrá-lo com sabedoria (Johnson; Sherraden, 2006 apud Johan; Rowlingson; Appleyard, 2021).

Os pais podem impactar significativamente a educação financeira de uma criança ao ensinar nuances importantes de finanças e, mais ainda, ao exibir e se envolver em comportamento financeiro positivo (Shim et al., 2010; Bhatia et al., 2021 apud Chawla; Bhatia; Singh, 2022).

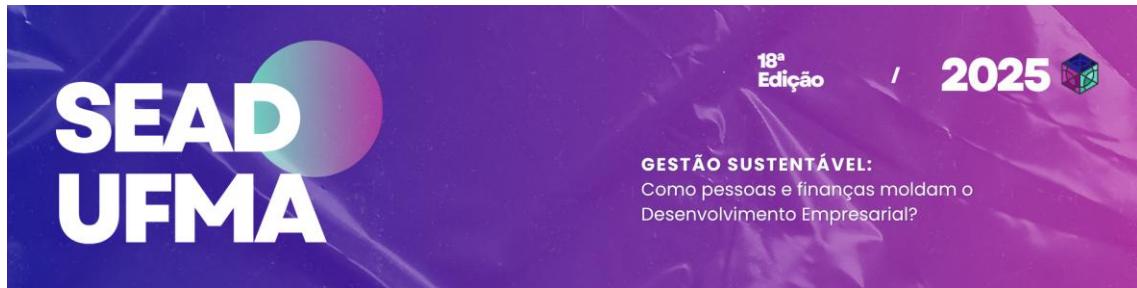
No questionário sociodemográfico, uma das perguntas busca saber qual o nível de escolaridade dos pais do respondente. As opções de escolaridade deveriam ser escolhidas entre ensino fundamental, ensino médio, ensino superior e pós-graduação. Os resultados podem ser vistos a partir da Tabela 1.

Tabela 1 - Nível de escolaridade dos pais

Nível de escolaridade dos pais		
Escolaridade	Mães	Pais
1- Ensino Fundamental	43	66
2- Ensino Médio	104	107
3- Ensino Superior	44	32
4- Pós-Graduação	34	14
0- Não informado	6	12
	231	231

Fonte: do Autor (2025). Dados da pesquisa.

O nível com maior destaque tanto para os pais como para as mães, é o ensino médio. A quantidade de mães que estão concluindo ou concluirão o ensino médio chegou a 45,02% e os pais a 46,32%. Outro nível chama atenção com 18,61% das mães e 28,57% dos pais, que



chegaram a concluir apenas o ensino fundamental. Já no ensino superior, 19,05% das mães estão nesse nível e 13,85% dos pais também.

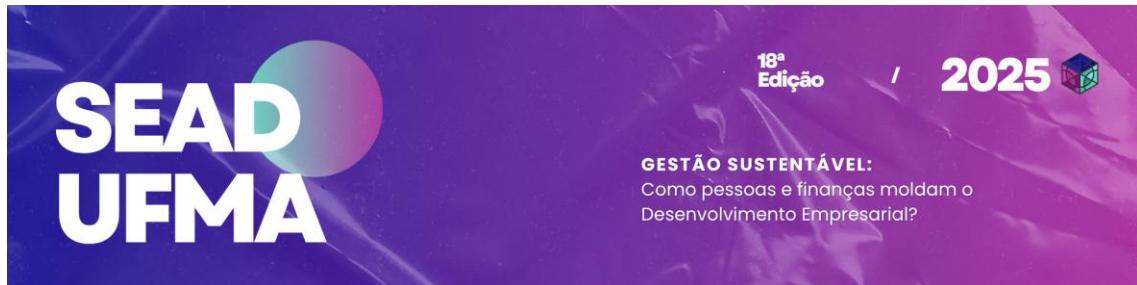
Há um contraste na evolução dos pais em relação às mães, enquanto elas estão em níveis mais altos de escolaridade como no ensino superior e pós-graduação, os pais estão em maior número nos níveis de escolaridade mais baixos como ensino fundamental ou médio. Mireku, Appiah e Agana (2023), após a realização de uma pesquisa similar, constataram que o nível de escolaridade do pai é um dos preditores significativos de um comportamento financeiro sólido. Bem como, os que possuem pais com certificados de pós-graduação/profissional apresentam melhor opinião sobre práticas de gestão sobre as finanças pessoais.

No âmbito dos investimentos, o comportamento financeiro dos pais se torna um antecedente ao comportamento de investimento das crianças, tanto enquanto jovens quanto adultas, e ganham mais conhecimento se seus pais discutirem sobre questões financeiras com elas. Então, o comportamento financeiro dos pais se torna um precursor dos níveis de educação financeira de seus filhos (Bhatia, et al., 2021; Shim et al., 2010 apud Chawla; Bhatia; Singh, 2022).

4 CONCLUSÃO

A temática da alfabetização financeira e todos os seus aspectos, ainda é pouco disseminada no Brasil e essa desinformação resulta para muitas pessoas em endividamento, dificuldades de planejamento e mesmo estresse emocional e familiar. A alfabetização financeira visa tornar os indivíduos mais preparados para gerir o seu dinheiro, atingir os seus objetivos financeiros e evitar o estresse relacionado com problemas financeiros, melhorando assim o seu bem-estar financeiro (OCDE, 2020).

Após a análise dos resultados em cada aspecto, observou-se que é baixo o conhecimento dos jovens sobre juros ou empréstimos, contudo a maioria possui noções sobre o mercado financeiro voltados para as flutuações de ativos. No aspecto do conhecimento, percebe-se que o significado que encontram no dinheiro, comprova o pensamento destacado em outros estudos de que o significado é subjetivo, sentindo-o como uma forma de poder, segurança, liberdade, sucesso, entre outros.



A forma como comportam-se completa o entendimento sobre a capacidade financeira dos indivíduos. Apesar da preocupação em seguir um planejamento financeiro, as respostas apresentam que poucos constroem o plano de gastos ou que controlam suas finanças por meio de anotações. Satisfatoriamente, os demais resultados em destaque mostram que há ainda aqueles que realizam análises antes de adquirir algo, evitam empréstimos e estão atualizados quanto aos benefícios ou tarifas ao aderir um cartão de crédito.

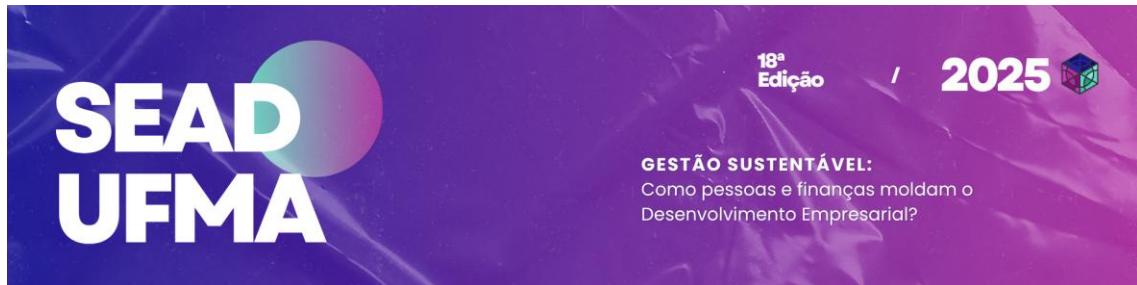
Assim, a avaliação do nível de alfabetização dos jovens é mediano, com base no percentual de 51,95% dos jovens que acertaram mais de 60% das questões no primeiro aspecto, demonstraram preocupação com o futuro e com planejamentos financeiros, e mais, com a necessidade de análise das finanças antes de realizar aquisições.

Dentre os fatores que podem influenciar esse nível de alfabetização financeira dos jovens, antes da fase adulta, um deles está dentro de casa: os pais. A responsabilidade é deles de apresentar e interagir com os filhos sobre assuntos financeiros, antes mesmo que eles recebam esse ensinamento fora de casa ou, tardivamente, por meio das próprias experiências, principalmente porque eles imitam os pais, sendo exemplos bons ou ruins (Medeiros; Lopes, 2014).

Outro fator é ter pouco ou nenhum contato durante a fase escolar no ensino fundamental ou no ensino médio com o assunto, pois as iniciativas eram pouco disseminadas e, a BNCC só homologou no ano de 2017 o documento de caráter normativo que define o conjunto de conhecimentos essenciais na grade curricular. Ou seja, uma geração de jovens e adultos atuais não tiveram a oportunidade de receber a educação regulamentada pelo mesmo (Brasil, 2017).

O presente estudo trouxe à tona importantes lacunas no conhecimento financeiro de jovens universitários, evidenciando a necessidade de intervenções educacionais que abordam desde fundamentos básicos, como juros e planejamento financeiro, até a promoção de hábitos financeiros mais conscientes. Os resultados reforçam a urgência de inserir a educação financeira de forma sistemática desde o ensino básico.

Pesquisas futuras podem explorar mais profundamente o papel das instituições de ensino na formação financeira dos jovens e investigar quais metodologias pedagógicas são mais eficazes no ensino de finanças pessoais. Além disso, recomenda-se a análise de programas educacionais voltados para pais e responsáveis, com o objetivo de fortalecer a educação

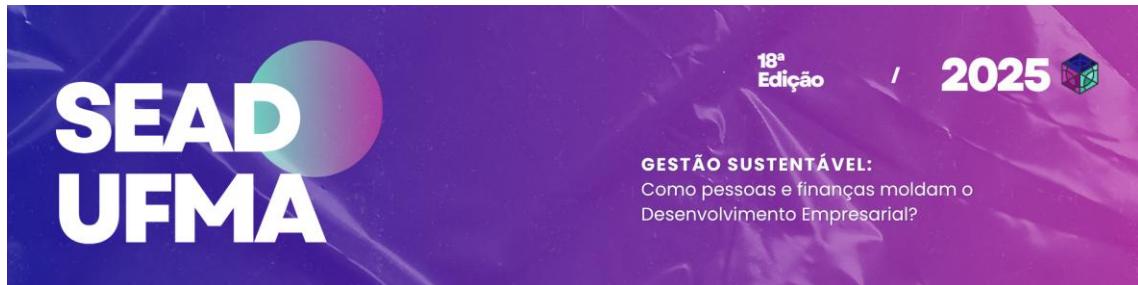


financeira no ambiente familiar. Bem como, é preciso tornar mais ativas as políticas públicas, como as iniciativas preparadas pela Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF (Floriano; Flores; Zuliani, 2020), não somente nas escolas mas também nas universidades, tanto de modo teórico quanto prático.

Diante dos achados, conclui-se que a alfabetização financeira deve ser tratada como uma necessidade urgente para promover o bem-estar financeiro e social das próximas gerações. Com uma abordagem educativa contínua e integrada, há um potencial significativo para reverter cenários preocupantes e formar cidadãos mais preparados para enfrentar desafios financeiros de um mercado cada vez mais complexo.

5 REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017.
- CHAWLA, D.; BHATIA, S.; SINGH, S. Parental influence, financial literacy and investment behaviour of young adults. **Journal of Indian Business Research**, vol. 14, n. 4, p. 520-539, 2022.
- Estratégia nacional de educação financeira (ENEF) [livro eletrônico]: em busca de um Brasil melhor / Claudia M. J. Forte. 2. ed. – São Paulo : Riemma Editora, 2021. Vários autores ISBN 978-65-89661-00-9
- FLORIANO, M. D. P.; FLORES, S. A. M.; ZULIANI, A. L. B. Educação Financeira ou Alfabetização Financeira: Quais as Diferenças e Semelhanças?. **Revista eletrônica Ciências da Administração e Turismo**, v. 8, n. 1, p. 16-33, 2020.
- JOHAN, Irni; ROWLINGSON, Karen; APPLEYARD, Lindsey. The effect of personal finance education on the financial knowledge, attitudes and behaviour of university students in Indonesia. **Journal of Family and Economic Issues**, v. 42, p. 351-367, 2021.
- MEDEIROS, Flaviani Souto Bolzan; LOPES, Taize de Andrade Machado. Finanças pessoais: um estudo com alunos do Curso de Ciências Contábeis de uma IES privada de Santa Maria–RS. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v. 7, n. 2, p. 221-251, 2014.
- MÉNDEZ-PRADO, Silvia Mariela et al. An Assessment Tool to Identify the Financial Literacy Level of Financial Education Programs Participants' Executed by Ecuadorian Financial Institutions. **Sustainability**, v. 15, n. 2, p. 996, 2023.
- MENDONÇA, Mikael Coelho. **Análise do nível de educação financeira dos estudantes da UFMA**. 2024. 44 f. Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.
- MIREKU, K.; APPIAH, F.; AGANA, J. A. Is there a link between financial literacy and financial behaviour? **Cogent Economics & Finance**, v. 11, n. 1, p. 1- 25, abr. 2023.



OECD. OECD/INFE 2020 International Survey of Adult Financial Literacy. [s.l: s.n.].

Disponível em:

www.oecd.org/financial/education/launchoftheoecdinfeglobalfinancialliteracysurveyreport.htm. Acesso em: 6 fev. 2024.

PABIS, Maria Gabriela; HOCAYEN-DA-SILVA, Antônio João. Uma revisão sistemática sobre a pesquisa em Educação Financeira. **Desenvolve Revista de Gestão do Unilasalle**, v. 11, n. 1, 2022.

PINHEIRO, Danilo dos Santos; ARANTES, Fernanda Paes; LIMA, Mayana Virginia Viegas. Estudo avaliativo da alfabetização financeira: conhecimento como fator decisivo na atitude e comportamento de universitários. In: Encontro de Programas de Pós-Graduação Profissionais em Administração, 11., 2025, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Fea Usp, 2025. p. 1-17.

TRENTO, T. R.; BRAUM, L. M. S. Desenvolvimento e validação de conteúdo de uma escala de mensuração da alfabetização financeira. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, v. 20, n. 39, p. 133-160, 25 abr. 2022.

ZAIMOVIC, Azra et al. Mapping financial literacy: A systematic literature review of determinants and recent trends. **Sustainability**, v. 15, n. 12, p. 9358, 2023.